

A INVISIBILIDADE DA FAUNA BRASILEIRA NOS MASCOTES DOS CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL

THE INVISIBILITY OF BRAZILIAN FAUNA IN THE MASCOTS OF BRAZILIAN SOCCER CLUBS

Regis Gabriel Tavares de Oliveira*

Luciane Lopes de Souza**

Larissa Gabriela Araujo Goebel***

Marcela Alvares Oliveira****

RESUMO

Existe a prevalência de mascotes representando animais exóticos nos clubes de futebol brasileiros, evidenciando a invisibilidade da fauna nativa. O presente estudo analisou as mascotes dos clubes da primeira divisão dos campeonatos estaduais de 2020, observando a preferência por mamíferos e aves exóticas, como o leão e a águia. Nossos resultados revelaram uma tendência marcante de escolha de animais não endêmicos, refletindo uma oportunidade perdida de valorizar a biodiversidade local. É clara a importância de promover a representatividade da fauna brasileira nos mascotes esportivos, incentivando a conscientização sobre a conservação da fauna nativa.

Palavras-chave: Campeonato de futebol. Fauna exótica. Fauna nativa.

ABSTRACT

There is a prevalence of mascots representing exotic animals in Brazilian football clubs, highlighting the invisibility of native fauna. The present study analyzed the mascots of first-division clubs in the 2020 state championships, noting a preference for exotic mammals and birds, such as the lion and the eagle. Our results revealed a significant trend of choosing non-endemic animals, reflecting a missed opportunity to value local biodiversity. It is clearly important to promote the representation of Brazilian fauna in sports mascots, encouraging awareness about the conservation of native fauna.

Keywords: Soccer championship. Exotic fauna. Native fauna.

* Licenciado em Ciências Biológicas, Centro Universitário Aparício Carvalho (FIMCA), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: regisgabriel.bio@gmail.com

** Doutora em Zoologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: llopes@uea.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1635-460X>

*** Mestre em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMG), Cárceres, Mato Grosso, Brasil, larissagabrielaigoebel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1320-2184>

**** Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora no Centro Universitário Aparício Carvalho (FIMCA), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: marcela.mugrabe@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4129-993X>



1 INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular e cativante, assim como o mais constante na vida dos brasileiros (Wachelke *et al.*, 2008; Rodrigues; Sousa; Fagundes, 2018). Além do envolvimento direto, a participação neste esporte é expressa através da contemplação e adoção de representações que caracterizam as equipes e, conseqüentemente, os grupos que as admiram (Theobald *et al.*, 2020; Garcia *et al.*, 2023). Os elementos simbólicos do futebol podem estar ligados a um senso de pertencimento ao grupo através de uniformes, cores, mascotes, brasões, bandeiras, ornamentos e outros elementos que moldam a imaginação dos membros do mesmo clube (Santos *et al.*, 2017; Souza, 2020). Os mascotes desempenham um papel proeminente neste cenário, servindo como um forte símbolo da conexão dos fãs com a equipe (Filho *et al.*, 2021).

O estudo de Straube (2010) revelou uma escassez de representatividade das espécies de aves brasileiras nos escudos dos clubes nacionais. Notavelmente, a águia-de-cabeça-branca (*Haliaeetus leucocephalus*), uma espécie exótica oficialmente reconhecida como símbolo dos Estados Unidos da América, destacou-se como a ave mais comumente utilizada nos escudos de times brasileiros. Em uma pesquisa posterior realizada por Brandão *et al.* (2016) sobre mamíferos adotados como mascotes por clubes de futebol brasileiros, os pesquisadores identificaram o leão como o mascote predominante. No entanto, é fundamental compreender a inclusão de todas as categorias da fauna como mascotes, considerando a origem dessas espécies e a representação das espécies locais.

Atualmente, uma variedade de estratégias, materiais e recursos didáticos não formais está disponível para os professores utilizarem em sala de aula, facilitando a assimilação dos conteúdos de Ciências e Biologia pelos alunos (Silva *et al.*, 2017; Valença *et al.*, 2023). Diferentes abordagens podem ser adotadas para que os alunos consigam relacionar os conceitos apresentados durante as aulas com seu contexto cotidiano (Santos *et al.*, 2017). Os professores precisam investir em estratégias inovadoras capazes de motivar e despertar o interesse dos alunos pelos conteúdos abordados (Colli; Andrade; Bastos, 2021).

Vital, Dourado e Gomes (2020) argumentam que as mascotes desempenham um papel significativo nas atividades educativas, servindo como elementos fundamentais para a

comunicação e interação, especialmente devido à capacidade do cérebro humano de processar imagens de forma mais rápida e memorizá-las com maior eficácia do que textos. Estudos focados em grupos específicos de animais demonstram que as mascotes dos times de futebol representam recursos valiosos para o ensino de Ciências e Biologia. Por exemplo, os professores podem explorar diferentes grupos biológicos através das mascotes de times de futebol, abordando temas relacionados a peixes (Brandão; Barros, 2018), aves (Dias *et al.*, 2016) e mamíferos (Brandão *et al.*, 2016).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a representatividade da fauna brasileira nos escudos dos clubes de futebol do Brasil, destacando as espécies nativas e exóticas representadas em diferentes regiões, bem como os continentes de origem das espécies exóticas. Além disso, busca-se avaliar a representatividade das espécies nativas em relação ao bioma onde está localizada a sede do clube.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização do presente estudo foram analisadas as mascotes dos clubes de futebol pertencentes à primeira divisão dos seus respectivos campeonatos estaduais no ano de 2020. A classificação foi conferida nos sites das federações estaduais de futebol ou no site do Globo Esporte (<https://globoesporte.globo.com/>). Foram utilizadas como critério de inclusão os mascotes que fossem representados por animais de qualquer origem, independentemente dos seus locais de ocorrência ou se passaram por processo de domesticação. Como critério de exclusão foram consideradas as mascotes inspiradas em animais imaginários pertencentes à cultura e folclore (por exemplo, o dragão) de qualquer localidade ou país e pertencentes a flora, representações de seres humanos ou outros elementos da natureza, tais como o ar ou furacões.

De cada mascote foram coletadas as seguintes informações: nome popular, nome científico, o bioma e o continente de origem. No caso de espécies que possuíam nomes genéricos, foram observados os escudos e mascotes, site da federação estadual, do site Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org>) ou de fotos disponíveis na internet para definir sua possível origem. Caso não fosse possível realizar a identificação a nível específico foi adotado o nível taxonômico possível.



Os dados coletados foram estruturados em uma tabela utilizando o software Microsoft Excel. Em relação às espécies brasileiras, foi analisado o seu nível de ameaça de extinção de acordo com as diretrizes estabelecidas na Lista Oficial de Espécies Ameaçadas pelo Ministério do Meio Ambiente (Portaria MMA nº 148, de 07 de junho de 2022) (Brasil, 2022), bem como na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN, 2023). Para fins de taxonomia e classificação, foram adotadas as referências de aves (Pacheco *et al.*, 2021), répteis (Guedes; Entiauspe-Neto; Costa, 2022), anfíbios (Segalla *et al.*, 2021) e mamíferos (Abreu *et al.*, 2023).

As espécies foram agrupadas em dois grupos: as exóticas e as nativas. Para a análise de dados foi observada a frequência absoluta e relativa do registro geral das espécies por região do país (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste) e do país no geral. Foi verificada a distribuição geográfica das espécies de ocorrência no Brasil de acordo com os seguintes critérios: cosmopolitas, ampla distribuição no Brasil (ocorrendo em mais de um bioma ou região), distribuição restrita no Brasil (ocorrência em um único bioma ou região), endêmico (ocorrendo somente no estado do clube de futebol).

3 RESULTADOS

Foram analisadas as mascotes de 197 clubes de futebol no Brasil, sendo que o estado de São Paulo contribuiu com 16,75% dos registros. Foram registradas 188 mascotes, sendo 139 identificadas pela espécie, 25 pela família, 19 pela ordem e 5 pela classe. Destacamos as mascotes denominadas “Águia”, que embora não foi possível a identificação correta da espécie, através da observação do escudo, provavelmente faça referência à Águia-careca, espécie símbolo dos Estados Unidos da América.

O número de espécies representantes da fauna exótica totalizou 42,13% dos registros. Caso sejam adicionadas as mascotes “Águia”, esse total passa a ser 50,76%. Contudo, avaliando a frequência de registro de espécie por categoria, a fauna exótica representa 66,89% das mascotes. Destacamos que as mascotes denominadas “Burro”, “Morcego”, “Águia”, “Coruja”, “Falcão”, “Gavião”, “Pássaro azul”, “Cobra”, “Tubarão” e “Peixe” não foi possível a identificação da espécie e origem por conta dos nomes genéricos, estes totalizaram 19,14% dos

registros (Tabela 1, Figura 1).

Tabela 1 - Relação com as classes, táxon, origem e o número de registros (N) nos clubes de futebol brasileiros

Classe	Táxon	Origem	N
Mammalia	<i>Capra aegagrus hircus</i>	Exótico	1
	<i>Equus asinus</i>	Exótico	1
	<i>Canis lupus familiaris</i>	Exótico	3
	<i>Castor canadensis</i>	Exótico	1
	<i>Equus caballus</i>	Exótico	2
	<i>Lepus curpaeums</i>	Exótico	1
	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Exótico	1
	<i>Loxodonta sp</i>	Exótico	1
	<i>Felis catus domesticus</i>	Exótico	1
	<i>Gorilla gorilla</i>	Exótico	1
	<i>Panthera leo</i>	Exótico	26
	<i>Canis lupus</i>	Exótico	4
	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Nativo	4
	Chiroptera	NI	1
	<i>Panthera onca</i>	Nativo	3
	<i>Orcinus orca</i>	Migrante	1
	<i>Panthera pardus</i>	Exótico	4
	<i>Sus scrofa</i>	Exótico	2
	<i>Vulpes vulpes</i>	Exótico	7
	<i>Panthera tigris</i>	Exótico	9
	<i>Bos taurus</i>	Exótico	6
	<i>Ursus maritimus</i>	Exótico	1
	<i>Equus zebra</i>	Exótico	1
	<i>Syncerus caffer</i>	Exótico	1
<i>Didelphis albiventris</i>	Nativo	1	
Aves	Accipitridae	NI	16
	<i>Haliaeetus leucocephalus</i>	Exótico	1
	<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Nativo	7
	<i>Paroaria coronata</i>	Nativo	1
	<i>Paroaria dominicana</i>	Nativo	1
	<i>Serinus canaria</i>	Exótico	3
	<i>Caracara plancus</i>	Nativo	3
	Strigiformes	NI	4
	Falconiformes	NI	4
	<i>Gallus gallus</i>	Exótico	20
	<i>Harpia harpyja</i>	Nativo	2
	<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	Nativo	2
	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	Nativo	2
	<i>Cacicus cela</i>	Nativo	1
	<i>Spatula querquedula</i>	Exótico	1



	Psittaciforme	Nativo	8
	Passeriformes	NI	1
	<i>Sporophila plumbea</i>	Nativo	1
	<i>Campephilus melanoleucos</i>	Nativo	2
	<i>Coragyps atratus</i>	Nativo	1
Reptilia	Chamaeleonidae	Exótico	2
	<i>Crotalus durissus</i>	Nativo	2
	Squamata	NI	1
	Colubridae	Nativo	2
	Elapidae	Nativo	1
	Crocodylidae	Exótico	1
	Alligatoridae	Nativo	3
Osteichthyes	<i>Hypophthalmus edentatus</i>	Nativo	1
	<i>Makaira nigricans</i>	Migrante	1
	<i>Salminus brasiliensis</i>	Nativo	1
	<i>Electrophorus electricus</i>	Nativo	1
Chondrichthyes	Chondrichthyes	NI	5
	<i>Prionace glauca</i>	Nativo	1
Insecta	<i>Apis mellifera</i>	Exótico	1

Fonte: os autores (2023).

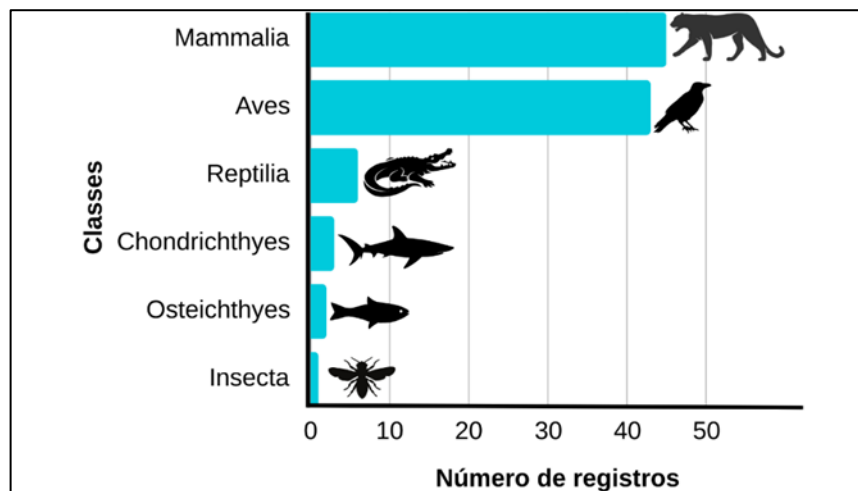
Figura 1 - Exemplos de mascotes de clubes de futebol brasileiros. Da esquerda para direita, de cima para baixo: Burro do Esporte Clube de Taubaté; Urubu do Clube de Regatas Flamengo; Leão do Sport Clube do Recife, Periquito do Rondoniense Social Clube e o Lobo-guará do Esporte Clube Comercial.



Fonte: os autores (2023).

As classes Mammalia e Aves juntas representaram 87,8% dos registros de mascotes catalogados. O filo Arthropoda foi representado por um único registro da classe Insecta (Figura 2).

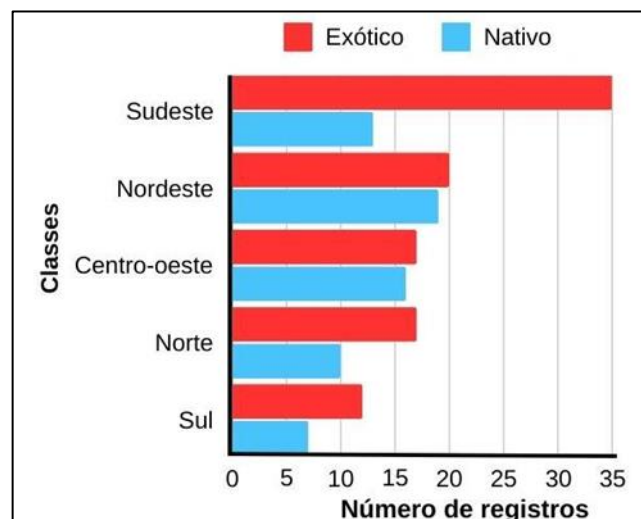
Figura 2 - Relação com os números de mascotes representados por classes.



Fonte: os autores (2023).

Avaliando a frequência de registro de categoria por região do Brasil é possível observar que os clubes de futebol da região sudeste apresentam, comparativamente, um maior número de mascotes representantes da fauna exótica, cerca de 2,7 vezes a mais (Figura 3).

Figura 3 - Relação com a frequência de registros de animais exóticos e nativos por região.

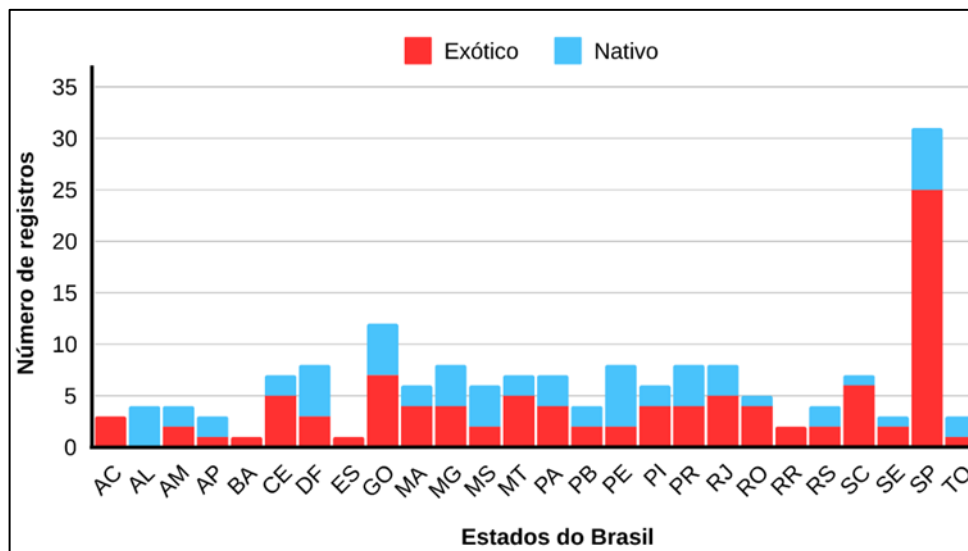


Fonte: os autores (2023).



Avaliando a participação da fauna exótica e nativa por estado é possível observar que as mascotes analisadas dos estados de Rondônia, Acre, Roraima, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo são todos pertencentes a fauna exótica. Somente o estado do Alagoas apresentou mascotes compostos unicamente por espécies integrantes da fauna brasileira (Figura 4).

Figura 4 - Representação de mascotes da fauna exótica e nativa por estado brasileiro.



Fonte: os autores (2023).

Dos 139 registros de espécies identificadas, 42 eram representantes da fauna nativa. A Classe Aves representou 69% dos registros, sendo principal representante da classe e no registro geral o *Cyanocompsa brissonii* (24,1% e 16,7%, respectivamente). Todas as espécies nativas adotadas como mascotes apresentaram ampla distribuição geográfica, com exceção da *Paroaria dominicana*, espécie de ocorrência predominante na região Nordeste. Essa espécie é a mascote do Clube de Regatas Brasil, o CRB, do estado de Alagoas. Nenhum clube de futebol incluiu espécies endêmicas dos seus respectivos estados como mascotes. Das 21 espécies identificadas a nível de espécies nativas do Brasil, três foram registradas na lista nacional de espécies ameaçadas de extinção (Tabela 2).

Tabela 2 - Relação com as espécies nativas do Brasil registradas nas listas de espécies ameaçadas de extinção.

Nome científico	Nome popular	IUCN	ICMBio
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará	NT	VU
<i>Panthera onca</i>	Onça-pintada	NT	VU
<i>Harpia harpyja</i>	Gavião-real	VU	VU
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	Arara-azul	VU	VU

Fonte: os autores (2023).

4 DISCUSSÃO

O presente estudo destaca a prevalência da utilização de mascotes representando animais exóticos nos clubes de futebol brasileiros da primeira divisão de seus respectivos campeonatos estaduais no ano de 2020, evidenciando a invisibilidade da fauna nativa. Muitos times optam por adotar animais não endêmicos em vez de representar a rica biodiversidade brasileira. Os animais mais comumente escolhidos como mascotes pelos clubes de futebol brasileiros pertencem às classes Mammalia e Aves. Entre os mamíferos, o leão (*Panthera leo*), originário da África, é o mais utilizado. Quanto às aves, destacam-se o galo (*Gallus gallus domesticus*) e a águia (Accipitriformes). Acredita-se que o apelo estético dessas criaturas, simbolizando ferocidade e poder, seja o principal motivo para sua preferência entre os times brasileiros.

O mesmo padrão de resultados para aves e mamíferos pode ser observado em um estudo de caso conduzido por Morais *et al.* (2010) com estudantes do ensino fundamental, abordando a percepção da fauna de vertebrados. Neste estudo, o pesquisador relatou que aves e mamíferos foram os vertebrados mais carismáticos entre os alunos. No entanto, a maioria dos animais citados pelos alunos eram espécies exóticas, originárias dos continentes africano e asiático, possivelmente fazendo referência ao leão (*Panthera leo*) e ao tigre (*Panthera tigris*).

A predominância da imagem do leão como mascote também foi confirmada por Brandão *et al.* (2016), que identificaram essa tendência em 89 clubes de futebol brasileiros, sugerindo que a representação do leão evoca valores como vigor, força física e elegância, elementos valorizados no esporte. Da mesma forma, Dias *et al.* (2016) observaram que a águia e o galo são as aves mais comumente escolhidas como mascotes pelos clubes de futebol brasileiros das divisões inferiores. A importância simbólica das aves, conforme mencionado por Straube (2010), e as características atribuídas ao galo, como coragem e perseverança contribuem para



a sua popularidade como mascotes.

Ao analisar a frequência de registros por região no Brasil, é evidente que o número de mascotes representando animais exóticos em clubes de futebol na região Sudeste é aproximadamente 2,7 vezes maior do que os que representam a fauna nativa. Este cenário pode ser atribuído diretamente ao processo de nacionalização do esporte no país. A introdução do futebol no Brasil está intrinsecamente ligada ao período de colonização e ao desenvolvimento da monocultura do café na região Sudeste. As elites, que enviavam seus filhos para estudar na Inglaterra, eram as mesmas que financiavam o processo de urbanização e industrialização no Brasil. Foi por meio desse intercâmbio que o futebol foi introduzido nas universidades inglesas. Posteriormente, os primeiros times de futebol no Brasil foram formados não apenas pela elite, mas também pela mobilização dos estudantes e funcionários da ferrovia (Stédile, 2013; Santos, 2019).

O grande número de mascotes encontrados na região Sudeste pode ser explicado pelo fato de que esta região abriga o maior número de times de futebol, em função da difusão histórica do esporte no Brasil e da criação dos primeiros times brasileiros por imigrantes nessa região (Moraes *et al.*, 2016). Comparativamente ao número de espécies nativas registradas, a presença dos imigrantes pode ter favorecido o uso de espécies exóticas como mascotes para times de futebol da região.

Os estados da região Norte estão inseridos no bioma Amazônico, reconhecido como um dos biomas mais biodiversos do mundo, com elevadas taxas de endemismo (Braz *et al.*, 2016). No entanto, três dos sete estados apresentam mascotes exclusivamente da fauna exótica, o que evidencia uma clara desvalorização da fauna local ou uma falta de conhecimento sobre os elementos que a compõem. Destacamos a ausência de registros de espécies endêmicas desses estados como mascotes dos clubes de futebol. Um exemplo notável é o estado de Rondônia, que abriga uma espécie de primata endêmica e classificada como vulnerável à extinção, o *Mico Rondoni*, popularmente conhecido como sagui-de-Rondônia (Messias; Valença-Montenegro, 2018). Esta espécie, que homenageia o Marechal Cândido Rondon, também nomeado no estado, é completamente ignorada pelos clubes locais. Outro aspecto negativo é a falta de empoderamento e reconhecimento local que os mascotes podem proporcionar.

As espécies da fauna local adotadas como mascotes possuem ampla distribuição

geográfica, não se restringindo a um único bioma. Entre os mamíferos mais utilizados como mascotes no território brasileiro estão o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e a onça-pintada (*Panthera onca*). Estas espécies, principalmente os mamíferos, são percebidas pelo público como espécies carismáticas, atraindo uma maior atenção do público (Almeida; Vargas, 2017; Mateus *et al.*, 2019). É importante ressaltar que essas espécies, juntamente com a arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e o gavião-real (*Harpia harpyja*), estão classificadas como vulneráveis à extinção (Birdlife International, 2016, 2021). A identificação da torcida com o mascote de seu time pode favorecer a implementação de ações de conservação com efetividade real.

5 CONSIDERAÇÕES

A análise da presença da fauna brasileira nos mascotes dos clubes de futebol do Brasil revela uma tendência marcante de preferência por animais exóticos, em detrimento das espécies nativas. Essa escolha reflete não apenas uma busca por elementos estéticos e simbólicos de força e vigor, mas também evidencia uma oportunidade perdida de valorizar e promover a rica biodiversidade local através de uma representação mais autêntica e conectada com a realidade ambiental do país. Para promover uma maior valorização e representatividade da fauna brasileira nos mascotes dos clubes de futebol, é essencial que haja uma conscientização por parte dos clubes, torcedores e da sociedade em geral sobre a importância da biodiversidade nativa. Incentivar a escolha de mascotes que reflitam a fauna local, bem como apoiar iniciativas de educação ambiental e conservação, pode contribuir significativamente para uma maior conexão emocional entre os torcedores e a riqueza natural do Brasil, além de fomentar a proteção e preservação das espécies em seus habitats naturais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Edson F. et al. 2023. **Lista de Mamíferos do Brasil (2023-1)**.

ALMEIDA, Fábio Souto; VARGAS, André Barbosa. Bases para a gestão da biodiversidade e o papel do gestor ambiental. **Revista Diversidade e Gestão**, v. 1, n. 1, p. 10-32, 2017.



BirdLife International. 2016. **Anodorhynchus hyacinthinus**. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22685516A93077457.

BirdLife International. 2021. **Harpia harpyja**. The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T22695998A197957213.

BRANDÃO, Lucas de Esquivel Dias et al. Os mamíferos representados como mascotes dos times brasileiros de futebol. **Trilhas Pedagógicas**, v. 6, n. 6, p. 74-91, 2016.

BRANDÃO, Lucas de Esquivel Dias; DE BARROS, Marcelo Diniz Monteiro. Os peixes representados como mascotes dos times brasileiros de futebol. **Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 3, 2017.

BRASIL. 2022. **Lista Oficial de Espécies Ameaçadas do Ministério do Meio Ambiente**.

BRAZ, Leonam Costa et al. A situação das áreas de endemismo da Amazônia com relação ao desmatamento e às áreas protegidas. **Boletim de Geografia**, v. 34, n. 3, p. 45-62, 2016.

COLLI, Pedro Leonardo Guarilha; DE ANDRADE, Mariana Aparecida Bologna Soares; BASTOS, Vinícius Colussi. A evolução como eixo integrador das ciências biológicas: uma unidade didática no contexto do ensino de biologia. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, v. 5, n. 1, p. 22-47, 2021.

DIAS, Diego Victor Cerqueira et al. As aves como mascotes dos times brasileiros de futebol. **Trilhas Pedagógicas**, v. 6, n. 6, p. 9-26, 2016.

FILHO, Francisco Alves Sousa et al. A Educação Ambiental na valorização da fauna nativa: da arena à escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 16, n. 6, p. 436-447, 2021.

GARCIA, Sheila Farias Alves et al. Análise do impacto do envolvimento e do prestígio percebido sobre a satisfação e a lealdade dos torcedores do São Paulo Futebol Clube. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 12, n. 3, p. 396-438, 2023.

GUEDES, Thaís B.; ENTIAUSPE-NETO, Omar M.; COSTA, Henrique Caldeira. Lista de répteis do Brasil: atualização de 2022. **Herpetologia Brasileira**, v. 12, n. 1, p. 56-161, 2023.

IUCN. **The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1**. 2023.

MATEUS, Wagner de Deus; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. Aspectos da relação pessoa-animal na conservação da fauna silvestre amazônica em risco de extinção. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, v. 24, n. 1, p. 166-194, 2019.

MORAES, Ivan Furegato; DA CUNHA BASTOS, Flávia; CARVALHO, Maria José. Formação de jogadores de futebol: processo histórico e bases para a evolução no Brasil. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 148-163, 2016.

MORAIS, Alessandro Ribeiro; MARINELI, Priscilla Francielly Silva; DE DEUS PARANHOS, Rones. Percepções sobre a fauna de vertebrados em estudantes do ensino fundamental: estudo de caso. **Educação Ambiental em Ação**, v. 9, n. 33, 2010.

PACHECO, José Fernando et al. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee-second edition. **Ornithology Research**, v. 29, n. 2, p. 94-105, 2021.

RODRIGUES, Ricardo Bastos et al. Aspectos emocionais e experienciais influenciadores da ida do torcedor aos estádios de futebol de Belo Horizonte-MG. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 17, n. 1, p. 31-48, 2018.

SANTOS, Ana Raquel Mendes et al. Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. **Motrivivência**, v. 29, p. 162-180, 2017.

SANTOS, Absalon Aguiar et al. A representação social da biologia entre alunos do ensino médio: implicações educativas e profissionais a partir das redes semânticas. **Acta Scientiae Biological Research**, v. 2, n. 1, p. 73-95, 2017.

SANTOS, José Antônio. Lima Barreto: apontamentos sobre football e protagonismo negro no Brasil. **Revista Práxis**, v. 1, p. 103-122, 2019.

SEGALLA, Magno V. et al. List of Brazilian amphibians. **Herpetologia brasileira**, v. 10, n. 1, p. 121-216, 2021.

SILVA, Rosana Santos. Métodos e práticas no ensino de ciências do ensino fundamental em escolas da rede pública e particular do município de Palmeira dos Índios/AL. **Diversitas Journal**, v. 2, n. 2, p. 349-358, 2017.

SOUZA, D. O. Cores, hinos e mascote: Goiânia esporte clube. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 12, n. 49, p. 464-481, 2020.

STÉDILE, Miguel Enrique. Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 15-44, 2013.

STRAUBE, Fernando Costa. As aves nos símbolos do futebol brasileiro: Escudos. **Atualidades Ornitológicas On-line**, n. 158, p. 33-48, 2010

THEOBALD, Raquel Rejane et al. Sentimentos e Emoções dos torcedores de Futebol. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo**, v. 14, n. 2, p. 183-202, 2020.

VALENÇA, Gabriel Moreira et al. A influência do uso de maquete como estratégia docente e recurso pedagógico no ensino das estruturas da célula eucarionte animal. **Conexão ComCiência**, v. 3, n. 1, p. e8813, 2023.



WACHELKE, João FR et al. Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 1, p. 96-111, 2008.

COMO CITAR – ABNT

OLIVEIRA, Regis Gabriel T. de; SOUZA, Luciane L. de; GOEBEL, Larissa G. Araujo e OLIVEIRA Marcela Alves. A invisibilidade da fauna brasileira nos mascotes dos clubes de futebol do Brasil. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 20, n.34, e23011, jan./jul., 2023. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v20.n34.3663>

COMO CITAR - APA

Oliveira, Regis Gabriel T. de; Souza, Luciane L. de; Goebel, Larissa G. Araujo e Oliveira Marcela Alves. (2023). A invisibilidade da fauna brasileira nos mascotes dos clubes de futebol do Brasil. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, 20(34), e23011. <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v20.n34.3663>

LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* ([CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)) . Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



HISTÓRICO

Submetido: 20 de janeiro de 2023.

Aprovado: 19 de março de 2023.

Publicado: 30 de julho de 2023.
